



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

História

História de Vida











Tags

- [cidades](#)
- [telecomunicações](#)

História completa

PESSOAL

IDENTIDADE Nome e nascimento Meu nome é Alaerte Machado, sou natural de Piumhi, Minas Gerais, e nasci em 28 de fevereiro de 1951.

FAMÍLIA

Pais Meus pais se chamavam Joaquim Vicente Machado e Maria Batista de Faria. O meu pai era fazendeiro. Ele tinha lavoura e um pouco de gado. Ele plantava cereais, milho, feijão e arroz, que eram os produtos básicos naquela época, mais para sustento da própria família. Minha mãe trabalhava muito em casa. E fazia de tudo numa casa. Não tínhamos conforto nenhum. Era o mínimo de conforto. Não tinha, assim, água dentro de casa, a gente levantava de manhã e tinha que ir no córrego para lavar o rosto, as panelas do almoço eram lavadas lá, e o banho era de bacia. Realmente não tinha conforto nenhum. Avós Não conheci meus avós. Quando faleceram eu era muito criança, não me lembro deles. Eles eram da região e era família numerosa, antigamente as famílias eram assim muito grandes. Meu pai teve muitos irmãos, bem como minha mãe. Eu tive o prazer de ter muitos primos, antigamente eram bem numerosas as famílias. Diferente de hoje, quando no máximo têm duas ou três pessoas. Irmãos Eu tenho mais oito irmãos. São nove ao todo. E a maioria nasceu na fazenda, com as parteiras de lá mesmo, sem nenhum conforto. Então, quando eu lembro que minha mãe está com 76 anos, penso que só mesmo pela misericórdia de Deus, porque ela sofreu bastante. Casa da infância A fazenda se chamava Sobrado. Era uma casa. No terreno tinha um pequeno desnível que formava um assoalho mais alto. Debaixo da casa era o lugar das galinhas dormirem e, junto com as galinhas, iam outras coisas também. O piso eram aquelas tábuas, com frestas, e a gente dormia em colchão de palha no chão, um ao lado do outro. E não tinha banheiro dentro de casa, não. Havia uma cozinha muito grande, uma sala muito grande e os quartos muito grandes. Na época era comum guardar até cereais dentro da própria casa. Todo mundo da família se envolvia na lida diária da fazenda. Pois, antigamente existia o que se chamava de mutirão. A fazenda veio do avô, foi dividida entre os irmãos e cada um pegou sua parte. A gente tinha unidade. Se tinha de capinar – a gente falava capinar uma roça – ia todo o mundo. Se tinha que colher feijão, bater feijão, a mesma coisa. Hoje nós temos um arroz que dá no cerrado, mas antigamente, as lavouras de arroz eram plantadas, cultivadas, com a água dando na canela e esse era o nosso trabalho. Na época de seca tinha que todo mundo pegar sua enxada e limpar as fontes de água para poder a água chegar na última casa. Tinha um riozinho que chegava lá na última casa, ia passando de casa em casa e ia diminuindo. Então a gente saía para limpar e fazia aquele mutirão. E assim era quase que generalizado esse tipo de trabalho, um tipo de mutirão que funcionava. Dessa forma, hoje eu

trabalhava para o meu tio e amanhã o filho dele ia trabalhar na fazenda do meu pai. Dava certo, sim. A unidade nunca foi ruim, sempre foi benéfica. Dia-a-dia a gente deitava com as galinhas, mas levantava com elas também. Eu lembro que quando a gente estava trabalhando na roça, oito e meia da manhã já chegava a bacia, geralmente era o arroz, o feijão, uma carne de porco curtida na banha, que era muito gostoso, geralmente abóbora com quiabo, uma farinha e uma pimentinha do lado. Cada um pegava o seu prato e ia tirando ali na panela, naquela bacia e era muito gostoso. Naquela hora a gente já estava com fome, mesmo. Ao acordar a gente geralmente tinha que tirar o leite e o leiteiro passava cedo, era em torno de cinco horas da manhã. Isso eu era bem menino. Na sequência do dia, às três e meia, quatro horas da tarde, no máximo, a gente já estava jantando. E por volta das 13:30 tinha merenda. Aí a mamãe fazia aquele bolinho de fubá, gostoso e a gente esperava que a merenda chegasse para gente e chegava mesmo. Para evitar a preguiça depois de comer a gente almoçava na lida mesmo. A gente não voltava para casa, não. E não tinha esse negócio de fazer o quilo. Menino tinha muita disposição. Já acabava de almoçar e a gente queria logo tirar a tarefa que era determinada, e era quadros, era marcado, chamada quadro. O pai chegava, marcava um quadro para cada um e a gente tinha que cuidar do milho ou do arroz e era assim. O que terminasse primeiro passava para o quadro do outro. E assim sucessivamente. Então quando um terminava primeiro, o resto ia a todo o vapor. Porque um ia ajudando o outro, juntava dois, juntava três, aí os pedaços já ficavam menores. E assim eram feitas as lavouras, mas tudo na enxada, tudo manual. Quando a gente é pequeno, a gente enxerga as coisas tudo muito grande. Então para mim, na época, nossa produção parecia enorme, a fazenda era enorme, os lagos eram enormes e o tamanho do serviço também era enorme. Eu não sei onde que a gente, como criança, naquela idade, conseguia tanta energia para cumprir com a obrigação. O trabalho a gente aprendia mais com os primos, mesmo, e ficava um serviço muito bom. A gente tratava a planta com carinho e chegava a terra ali no pé dela. Só que, antigamente, a terra era descansada. A gente sabia que aquele produto ia para mesa da gente, por isso a gente tratava daquilo com carinho e com amor. Muito pouco do excedente ia para o mercado. A maior parte a gente consumia mesmo com a família e existia muita troca. Por exemplo, se o meu feijão acabasse eu trocava pelo arroz com o outro. Diversas vezes eu peguei frango na fazenda, que nem o próprio frango, às vezes o próprio ovo, a gente podia comer. Tinha que pegar, ir na cidade e trocar por açúcar mascavo e o sal. Nessa época a gente gastava muito com doença porque a gente era muito fraco. A conta da farmácia era violenta. Às vezes, a maior parte do dinheiro ficava na farmácia. E eu sou daquele tempo ainda que trocava mercadorias... E não faz muito tempo. Não tem nem 50 anos. Normalmente as doenças eram na garganta e tinha muita lombriga porque não tinha instalação sanitária. O uso era bananeira mesmo, e de noite, chovendo, a gente comia muito feijão. Era um caso meio sério... E com chuva não tinha que ver não, não tinha recursos, não tinha realmente conforto nenhum. Então tinha muito verme, tinha que tratar constantemente se não você amarelava, opilava. E o serviço era muito severo, você gastava muita energia no serviço. A gente tinha problemas de saúde também porque, embora nossa alimentação fosse sadia, faltava muita coisa. Nossa alimentação estava baseada no arroz, feijão e a abóbora com quiabo. Carne, só quando matava o porco mesmo porque vaca dificilmente a gente matava. A gente comia muito carne de porco e um franguinho que era muito gostoso, um franguinho caipira, um ovo caipira... Mas aquilo tinha que ser guardado para vender na cidade. A fazenda ficava a 24 quilômetros da cidade. A gente ia de carro de boi ou então a cavalo com os balaies dos lados, um do lado e outro do outro. A gente vendia os ovos e já trazia as outras coisas naqueles balaies. Havia uma série de desconfortos... Por exemplo, a bucha que a gente tomava banho era uma palha e, geralmente, você usava ali o sabão de bola. O colchão era feito com aquelas palhas e às vezes pegava os caroços do milho que a gente mesmo descascava. Eu tenho as mãos bem finas de debulhar milho para tratar de porco que a gente criava para vender de seis em seis meses. A gente descascava um paiol de milho. Descascava e tratava dos porcos... Eu me lembro que a gente tinha prazer naquilo. A gente sentava nas tábuas do chiqueiro e, enquanto os porcos não dormiam, a gente não ia para dentro. Era tudo realmente muito sem recursos. Mas o pessoal antigamente, o pessoal mais antigo era muito sábio, usava muitas coisas. Tenho um irmão que uma vez rasgou a perna numa cerca de arame, foi mais ou menos 25 cm profundos, e não deu ponto. Eu também tenho as minhas marcas. Aquilo era tratado pela misericórdia de Deus. Eu, por exemplo, caí em um tacho de sabão quando tinha tirado o sabão do fogo, que ele estava soltando aquelas bolhas. E logo a minha avó pôs uma vasilha de água quente, que naquela época tinha água quente e fria, tinha que temperar, porque não tinha chuveiro. E quando me tiraram dali, eu já dali direto passei para outra água quente, que não tinha a fria, ainda. Então foi uma dupla queimadura. É plano de Deus que eu esteja vivo hoje. Como eu caí nesse tacho eu não lembro. Tinha dois anos de idade, mas tenho marcas no corpo e aquilo ia passando remédios caseiros e era assim. Primeira infância A gente ganhava uma bola de borracha por ano. Na época de Natal, todas as crianças punham os sapatos no fôgo e a gente ganhava essa bola pensando que foi presente de Papai Noel. Eu me lembro que eu tinha nove anos e ainda acreditava em Papai Noel. Mas era uma bola que quando você dava o primeiro chute não queria dar o segundo porque ardia o pé. As meninas geralmente ganhavam uma boneca para muitas brincarem. Era um presente coletivo, que a gente se divertia à tarde com os colegas. Mas era gostoso. Era saudável. A gente brincava de pique-esconde e realmente tinha muito lugar para se esconder. Tínhamos muita energia... eram muitos primos. São momentos realmente inesquecíveis os do meu tempo de criança. Muito diferente de hoje, de se trancar dentro de casa, com o computador ou vídeo game. Era totalmente diferente, não tinha televisão. Uma casa dos tios mais antigos de toda a fazenda, da família toda, tinha um rádio que só ligava ou conseguia ouvir um pouco à noite, na "Hora do Brasil." Às vezes a gente ia lá. Depois começaram a surgir as novelas, mas a gente ia na casa desse tio escutar a Hora do Brasil. Era uma diversão. Essas diversões aconteciam só depois do trabalho. Mas nós tínhamos muita energia para queimar. Dava satisfação estar ali com os primos, aquilo realmente era uma família muito numerosa e muito unida. Eu me lembro direitinho das árvores frutíferas. Eram pés de goiaba, laranja, naquele tempo existia pouca tangerina ponkan. Não sei, a gente chamava de limão doce, mas era mais azedo do que doce. Não tinha essa fartura que hoje existe durante o ano inteiro. Era o fruto certo na época certa. Filhos Conheci minha mulher na faculdade, ela se chama Ana Cristina. Tenho dois meninos. É o Guilherme, de onze anos, e o Eduardo, de sete.

EDUCAÇÃO

Primeira Escola A decisão de ir para a cidade, para a escola, partiu mais do lado da minha mãe. A minha mãe é que se empenhou mais nisso e cobrou isso do meu pai e a gente foi estudar. Com sete anos fui para a escola para aprender a pegar no lápis. A professora pegava na mão da gente e ia ensinando como escrever as primeiras letras. Naquela época tinha o famoso sapato Verlon, um sapato de borracha, e aquilo a gente usava até acabar. Eu não cheguei a usar um pé só e amarrar o pano no outro, não foi isso... Mas usava até o último furo. E as roupas eram simples, a gente era de uma família muito simples e não tinha muito o que esbanjar. Era muito comum a gente usar algo do irmão. Os irmãos passavam tudo para os outros irmãos. Então os mais novos vestiam tudo que os mais velhos já tinham usado. Era muito difícil a gente ganhar uma camisinha nova. Eu fui para a escola fazer o curso primário, como se chamava na época. Era o primeiro, o segundo, terceiro e quarto ano primário. Foi um bom tempo e me lembro dos colegas de infância, que há anos a gente não vê, mas me recordo bem deles. Gostei muito daquela época. Era muito gostoso porque a gente brincava, chegava mais cedo para brincar, e se sujava bastante. Quando chegava em casa às vezes levava umas palmadas... A gente se sujava porque não tinha calçamento, não tinha nada, a cidade tinha uma terra muito vermelha. E minha mãe

trazia a gente, quando a gente saía na rua, chamava a atenção porque as roupas pareciam alvejadas, bem limpas e bem passadas. Naquela época tinha a tal de bilosca, a bolinha de gude, então a gente sujava muito os bolsos, depois que saía da escola e antes da escola também. Às vezes a gente levava uns puxoezinhos de orelha, por causa disso. Nessa época, os pais ficavam na fazenda e a gente morava na cidade. Porque eu já tinha os dois irmãos mais velhos que estavam estudando... A gente mesmo cozinhava, lavava, passava e fazia de tudo. Nós morávamos juntos, em uma casa só, muito simples. A casa era totalmente inversa ao que era na fazenda. Era uma casa bem pequena, com cômodos bem pequenos, e, de eletrodomésticos, tinha apenas um radinho de 25 a 30 cm que a gente às vezes ligava para ouvir alguma música. Não existia geladeira, liquidificador e continuava sem chuveiro e banheiro era no quintal mesmo, de adobe, naquele sistema antigo. Geralmente a gente tinha um quintal, então a gente tinha que levantar de manhã e sair nas portas batendo para vender o chuchu, às vezes a jabuticaba, figo, banana, para comprar as outras coisas. E minha mãe batia manteiga de leite, muito purinha, muito gostosa, e essa manteiga era um filé para vender. Mas as outras coisas a gente tinha que vender antes, para depois apanhar no pé. Porque se não vendesse não podia perder. Era assim que a gente sobrevivia. Os afazeres da casa eram divididos harmoniosamente. Tinha uma vassoura simples e ali todo mundo varria. A gente levantava, arrumava a cama, todos fomos instruídos pela mãe desde pequeno. À medida que cada um completava os sete anos ia se acrescentando à família. Até que depois a mãe veio também. E cuidava da gente. Mas geralmente a irmã mais velha é que carregava a carga maior. Na primeira escola a gente usava aqueles caderninhos simples e a gente tinha a pasta, levantava de manhã, pegava os caderninhos e ia. Agora, a gente era muito responsável. A gente brincava muito, se divertia, mas na hora da obrigação a gente era muito responsável. Isso a minha mãe realmente passou para a gente. Professoras Eu tinha uma professora que falava assim: “Tudo o que merece ser feito, merece ser bem feito.” Não dá para esquecer. Era a dona Geraldina Magela. E as professoras cobravam mesmo. Se a gente não fizesse o dever de casa não assistiria a próxima aula. Você faltava na aula, mas tinha que arrumar algum colega e fazer toda aquela tarefa. Se não, a próxima aula você não assistia. Isso fez com que o estudo da gente se tornasse bastante firme. E naquela época não tinha diversão nenhuma. Você brincava, estudava, e trabalhava. Hoje, o dia é um pouco mais cheio. Na cidade, eu ia vender coisas no balaio, ia de porta em porta. A pessoa atendia a porta e eu perguntava: “Quer comprar banana?” ou “Quer comprar chuchu?” Eu pegava o trocadinho, ia fazer as outras despesas e entregava para a mãe. Minha mãe vinha com frequência e depois passou a ficar na casa junto com a gente. Era um paraíso. E o pai ficava na fazenda e vinha no final de semana. Ah, eu sentia saudades do rio, das pescadinhas, as nadadas escondido – que a gente pelejava para esconder, mas não tinha jeito. A gente rolava no chão, corria e quando chegava em casa a mãe falava assim: “Você nadou. Ela tinha medo de a gente morrer afogado. Quem não sabe nadar é só não ir na beira de rio, não facilitar”. Então a gente nadava escondido e depois não dava para esconder. A mãe conhece o filho. Lembro que, no meu segundo dia de escola, a professora queria que eu fizesse o que a gente chamava na época de composição, ou seja, a famosa redação. E eu falei que não ia fazer. A professora falou: “Você vai fazer.” Falei: “Não vou.” E ficou aquele vai, não vai, vai não vai, e eu peguei uma cadeira, menino sete anos, e eu lembro que a turma toda encostou de um lado da sala, e ninguém chegou em mim. Hoje eu interpreto esta ação de uma outra forma. Mas, na época, me revoltiei. E eu terminei por não fazer a redação, mas ela queria me obrigar a fazer, e não sei se foi porque eu não sabia fazer, ou não dava conta, elas exigiam muito, cobravam muito, e eu lembro que a sala toda ficou amedrontada comigo. E eu não sabia dessa natureza minha, natureza bastante rebelde... Criança esquece as coisas fácil. Logo tudo passa, vai brincar e as coisas passavam rapidamente e a a gente no final terminou o quarto ano primário. Estudando e trabalhando, vendendo as suas frutas e os seus legumes, dava tempo de brincar na cidade. A gente só vendia essas coisas mais na parte da manhã. Então sobrava bastante tempo. O dia tornava-se grande, porque não tinha muito entretenimento. Depois do primário emudei para a cidade de Formiga. Fui fazer o [exame de] admissão e a primeira, segunda, terceira e quarta série ginásial. Essa decisão de mudar para Formiga foi também por causa dos meus avós que já moravam lá, e os recursos de lá para estudar eram bem maiores. Na cidade onde eu estudava não tinha a quinta série. Se quisesse, tinha que sair da cidade. E minhas irmãs, o meu irmão já tinham ido e eu fui também. A gente ficava na casa da avó, que tinha 14 filhos e ainda chegava os netos, mas aquela casa era enorme, e a gente morava ali... Lá a gente não tinha a mesma liberdade que tinha na casa da gente, mas era uma casa que tinha bem mais conforto. A gente não estava muito acostumado... A gente se dava muito bem com os tios. Alguns tinham a mesma idade que a gente e havia tios mais novos ainda que a gente. Íamos para a escola juntos, estudávamos juntos. Nessa casa já tinha mais conforto, tinha água encanada. A gente chegou a ver telefone, ver televisão. Telefone daqueles pretos antigos. Eu lembro a primeira vez que falei no telefone – era uma sensação de falar no telefone. A gente tremeu nas bases. Você pegar o aparelho e colocar e pegar o outro na linha, isso era inédito, a gente sabia que chamava telefone e tudo, mas aquele primeiro contato a gente realmente não esquece. Foi igual a televisão. Quando eu fui ver era a primeira televisão lá em Formiga. Isso me deixou encantado, apesar de ser em preto e branco, mas a primeira vez não dá para esquecer. Meus pais tinham a intenção de nos dar estudo. Eles mal sabiam assinar o nome e não queriam isso para os filhos. Realmente eles se empenharam e fizeram todo o esforço para que a gente fosse estudar. Em Formiga, eu estudei na Escola Normal. Fiz os quatro anos lá na Escola Normal e depois tinha o que se chamava de científico, que é o curso colegial hoje. As moças geralmente iam para estudar para professoras, normalistas, ou então ia fazer científico e daí o vestibular. Eu fiz até o segundo ano do científico e depois voltei para a minha terra natal porque um tio, irmão da minha mãe, fez um posto de gasolina na beira de uma estrada, perto da cidade, e precisava de apoio da família. As primeiras pessoas a serem lembradas foram minha mãe e o meu pai, que, naquela época não tinham uma situação financeira boa, e ele quis ajudar. Então ele levou a gente para tomar conta desse posto.

CORPORATIVO

TRABALHO Primeiro emprego Eu trabalhei em uma farmácia por quatro anos em Formiga. Foi o meu primeiro emprego e gostei muito, tinha muito carinho com aquilo. Eu sentia muito prazer nesse trabalho. É que as pessoas idosas gostavam muito de tomar injeção comigo, que eu era muito carinhoso, carinhoso no bom sentido. Quando o braço das pessoas não tinha carne, eu me lembro de puxar a pele com todo o carinho... Mas não eram essas agulhas que existem hoje. Naquela época a gente fervia, levava o estojo para ferver, com algodão, com álcool, e aquilo a agulha amassava... Eu tinha uma memória muito boa, eu sabia de cor e salteado as fórmulas dos remédios e tudo o que tinha na prateleira. Era um trabalho direto, começava cedo e acabava às 10 horas da noite. E eu gostei muito da farmácia. Ela se chamava, e se chama ainda, Farmácia Santa Luzia. Foi o meu primeiro registro na carteira. Por isso é que hoje, na minha empresa, me sinto muito orgulhoso de assinar a carteira de alguém quando é o primeiro emprego da pessoa. Por causa disso eu comecei a minha documentação tudo certinho, arrumadinho, então eu tenho muito prazer quando sou o primeiro a assinar uma carteira de um funcionário hoje. Eu uso isso na minha firma, é lei, mas no primeiro minuto ele já entra registrado. É lei, mas também uma satisfação pessoal, a gente faz com muito prazer. Nesse trabalho na farmácia, eu tanto vendia quanto atendia as pessoas. E às vezes tinha injeção de 12 em 12 horas. Dava aí meia noite, uma hora da manhã e, às vezes, com muita chuva, a gente levava o estojo para casa e eu fazia isso sem o patrão saber. E quantas vezes depois o cliente chegava e entregava a gorjeta na mão do patrão e falava assim: “Ó, isso aqui é para entregar para ele”, o patrão nem sabia que de madrugada eu estava na casa de cliente aplicado injeção. Ele se

surpreendia com isso e dava valor à gente. Mas minha mãe nos educou muito, a criação realmente era muito severa, de mãe e pai, e então você vai trabalhar, tudo o que merece ser feito, merece ser bem feito. Então, vamos fazer tudo bem feito... A gente tinha aquele carinho com as pessoas porque elas já estavam doentes e a gente ainda ia vai mexer no bolso delas. Lembro quando eu era um rapazinho, das vezes em que, no domingo, chegavam as mães com os filhos dando convulsão. Às duas horas da tarde em um domingo e não tinha um médico. Eu lembro, quantas vezes eu receitava gardenal, e ainda zangava com a mãe: "Para que isso? Pode ficar tranqüila, daqui a um minuto seu filho está bom!" E eu pegava às vezes meia ampola de gardenal, dependendo da idade do menino e eu mesmo aplicava porque acompanhava o receituário médico. A gente aplicava as injeções, acompanhava a melhora do menino e sabia exatamente o que o médico receitava. Com uma responsabilidade grande, mas muito consciente, quantas vezes eu tirei uma mãe do desespero. Tudo na certeza. Mas por quê? Porque eu conhecia as fórmulas, sabia direitinho, tinha convicção daquilo que estava fazendo, apesar de ser muito criança ainda. Pensei muito em ser médico, ou então advogado. O advogado andava de terno e gravata, às vezes passava um avião, assim, a gente parava de trabalhar na roça, ficava olhando aquela rota de avião e pensava: "Um dia quem sabe eu vou ser piloto..." Mas não deu nada disso, fui fazer outros cursos. Em seguida, mudei da água para o vinho. Saí de uma farmácia para ir tocar um posto de gasolina. Mas eu saí dessa farmácia às 10 horas da noite de Formiga e quando foi uma da manhã, o ônibus que eu fui, já parava no posto, e já tinha que servir o café para o ônibus. Então, eu não descansi nem uma noite de um serviço para o outro. Eu saí às 10 horas da noite de Formiga e fiquei por ali até o ônibus passar e quando eu desci do ônibus, eu já desci com o pé no serviço. Aí foram mais quatro anos nesse posto de gasolina, trabalhando, só que eram 24 horas, então eu era bombeiro, borracheiro, trocador de óleo, e nas horas vagas servia refeição e atendia no bar. Eu, meus irmãos e minha mãe. Ela foi ser cozinheira desse restaurante, porque era muito difícil cozinheira, às vezes a cozinheira não ia e, no final, sobrava para ela mesmo. Minhas irmãs eram garçonetes. O posto ficava a três quilômetros da cidade. Para ir à escola à noite a gente andava bastante, depois de um dia de muito trabalho. Foram realmente quatro anos de muita luta, até que a gente resolveu mudar para Uberlândia. Eu trabalhava o dia inteiro, e à noite eu atravessava uma longa caminhada, no pé mesmo, e fiz meu curso de contador. Mas era mesmo com muita garra e muito esforço. Não sei por que a gente não tinha uma bicicleta. Porque se tivesse... A gente não lembrava de ter uma bicicleta – porque uma bicicleta resolveria o problema. Mas não tinha. Ia a pé e voltava a pé. E quase a metade do caminho não tinha energia. A irmã mais velha já era professora em um colégio estadual, era uma pessoa muito competente, e quantas vezes ela chegava lá ensopada. Não sei porque, mas a gente não comprava uma capa, o guarda-chuva não tampava. E muitas vezes eu tive que enfrentar a noite. Trabalhar à noite, porque muitas vezes o guarda da noite não aparecia. Aí eu trabalhava durante o dia, chegava à noite eu trabalhava a noite toda e o outro dia era meu. Teve uma vez que eu deitei, eu não deitei, eu desmaiei, porque eu dormi 36 horas direto. Meu irmão estudava fora e minha mãe falou assim: "Ó, fica lá, porque ele precisa descansar", nas bombas. E meu irmão ficou, era um feriado, eu sei que ele ficou lá os três dias e eu fiquei praticamente desmaiado nessa cama. De tantos em tantos dias tinha noite que a gente não dormia. Então hoje eu dou muito valor a uma noite de sono. Por isso que eu disse que costume deitar bem cedo. E levantar cedo. A vida nesse posto era então uma faina, um trabalho bem pesado para um jovem de 17 anos, 18 anos. Mas, para quem tinha enfrentado um trabalho de fazenda robusto, a gente tirava aquilo de letra. Nessa época a gente tem muita energia. Quando sobrava um tempinho a gente ainda pegava um caminhão leiteiro e ia para a cidade vizinha jogar bola e ainda dava um show... Na época a gente tinha as diversões da gente, tinha os colegas, amigos mesmo, amigos do peito que a gente podia falar e a gente tem saudades deles. Eram todos os colegas de escola, realmente era uma relação muito íntima. E de vez em quando a gente vai lá e mata a saudade de alguns. Ingresso na CTBC Quando eu mudei para Uberlândia, por causa do curso que a gente fez, a gente sempre estava de olho nas grandes empresas e querendo sempre conquistar o mercado de trabalho da gente... Eu tive um professor chamado Walmiro dos Reis que trabalhava na CTBC, e ele era muito bom. Nesse período eu desejava trabalhar no Grupo ABC. Passaram-se muitos anos e depois se concretizou. Eu entrei no Grupo, e fui trabalhar exatamente com o Walmiro dos Reis. Depois de quatro anos trabalhando na Financiadora General Motors – sempre em contato com o Dr. Luiz [Garcia], o Sr. Alexandrino [Garcia], porque tudo dependia de assinatura com o Sr. Agenor e Sr. Oswaldo Garcia – eu já fazia parte daquela família. Mas já era desejo no meu coração me transferir para o Grupo. Eu viajava muito porque, para americano, um minuto é tempo... E eu estava cansado de tanto viajar. Por outro lado, eu não tinha esse gênio de ficar quieto. Mas creio que eu desempenhei um bom trabalho na financeira... Então, falei: "Vou sair para ficar mais próximo à família." No Grupo, fui trabalhar com o Walmiro dos Reis. E, como aqui na terra tudo tem seu tempo, com aproximadamente 90 dias, o tempo do Walmiro aqui se cumpriu. Ele veio a falecer, e, nessa época a gente estava no táxi aéreo. Eu já entrei com ele e fui para lá. E o tempo dele aqui se findou, e aí eu voltei para a CTBC depois, e fui trabalhar mais direto com a diretoria. Isso foi no ano de 1980. Eu entrei como um assessor do Walmiro, para trabalhar junto com ele. Depois fui para a área financeira. Nas outras empresas que eu trabalhei tinha áreas de vendas e sempre me dei bem com crédito, cobrança, com tudo. Eu não me poupava não... Quando entrava em uma empresa procurava saber tudo sobre ela. Desde a parte de limpeza até os últimos protocolos. Tudo, até a seção de arquivo. Essa agência autorizada em que eu trabalhei por três anos, eu passei por todas as áreas. Por consórcio, por recepção de oficina, pela área de crédito e cobrança, peças, vendas de carro. A gente aprendeu a não ter medo e nem vergonha de serviço. Trajetória na CTBC Eu saí da empresa em outubro de 1986. E só saí da CTBC para montar o meu próprio negócio, que tenho até hoje. E não foi só comigo que isso aconteceu, não. Creio que com a experiência que o Grupo nos deu e as diversas atividades – porque eu trabalhei em outras empresas do Grupo também – a maioria do pessoal que saiu como eu, saiu para montar o seu próprio negócio. Acho que para muita gente o último emprego registrado em carteira foi o da CTBC, assim como foi o meu. E eu só tenho a agradecer e a louvar a Deus por esse tempo, esse aprendizado, essa experiência que eu adquiri com o Sr. Alexandrino, com dona Maria, o Sr. Wilson, a dona Ofélia e o Dr. Luiz, a dona Mafalda e toda a sua equipe. A empresa funcionava assim como um corpo. O braço na sua função, a perna direita, a cabeça na sua função. A empresa funcionava harmoniosamente como um corpo. Cada um na sua função, e no final a equipe fazia o todo. O Dr. Luiz também é desse jeito, herdou isso do pai, a liberdade de trabalhar. Cada um fazia a sua parte, cada um era responsável e é por isso que o Grupo cresceu. Mas tudo com muito trabalho. O Sr. Alexandrino chegava lá bem cedo, e saía bem tarde. Mas o Dr. Luiz é um homem de visão e de muita coragem. E para quem tem visão e a coragem, igual o Dr. Luiz, não há crise. A crise às vezes é a gente que provoca. Quanto maior a crise mais se deve enfrentá-la trabalhando. E o Dr. Luiz é um homem de visão, e muita coragem. Assim como o pai dele foi. Nesses momentos mais críticos, as decisões do Dr. Luiz eram muito acertadas. Justamente por ele ser um homem de visão. Por isso o Grupo cresceu e seguiu, conseguindo gerar cada vez mais emprego, adquirindo mais empresas e a coisa ia fluindo normalmente. Ele sabia enfrentar a crise. E a pessoa que é competente – e ele é competente praticamente em quase todas as áreas, mas não é perfeito – tem capacidade para enfrentar qualquer tipo de situação. Eu decidi sair da empresa quando eu mudei. Nós mudamos para Uberlândia, um irmão tinha ficado para trás, o mais velho do que eu. E eu vim como responsável da família. Esse irmão que ficou lá na minha cidade tinha uma agência Volkswagen. Com a venda dessa agência ele se transferiu para cá e me chamou para ser sócio dele. Então, eu saí do Grupo para trabalhar por conta com esse irmão que está aqui até hoje e é comerciante também. Montamos um negócio no ramo de automóveis, peças, agência autorizada. Fiquei como sócio dele por dez anos. Há cinco que eu me

separei porque os filhos vão crescendo e nós tínhamos duas empresas. Eu que cuidava de uma, fiquei com ela, e ele ficou com a dele, deixamos na hora certa. No mesmo ramo de atividades, sempre ligado aos automóveis. Na minha empresa, quando eu falo isso, o pessoal parece que não acredita. Só nessa última empresa, que eu tenho há treze anos, eu não tenho uma ficha cadastral e não consulto um cheque, até hoje. E a minha inadimplência é zero. Quase zero, uma quantia mínima. Apesar da cidade ter crescido muito, dificilmente eu pego um cheque sem fundo, ou perco alguma coisa. É um dom... Eu adquiri uma experiência em crédito e cobrança, mas creio que é um dom, porque eu não tenho uma ficha cadastral e eu não consulto um cheque, eu não consulto um SPC... Mas sei para quem não posso vender. Às vezes, mas muito raramente, a gente é enganado. Tem que ser muito artista. Por causa da minha experiência.

COMUNIDADES

PESSOAS Alexandrino Garcia Pela função que eu desempenhava eu tinha mais contato com o seu Wilson. O Dr. Luiz andava muito, ele não tinha muito tempo fixo na empresa. Mas na época tinha o Sr. Wilson Luiz da Costa, juntamente com a dona Mafalda, sua esposa, e o Sr. Alexandrino, que estava constante na empresa. E foi um privilégio, posso dizer privilégio, e muito grande, ter feito parte dessa história desse Grupo, com o Sr. Alexandrino na presidência e toda a sua equipe. O Sr. Alexandrino, um homem de extrema competência, tinha pulso muito forte e era muito capacitado. A primeira coisa que eu pude sentir na empresa é que ela não cresce a toque de magia, é fruto de muito trabalho – e isso a direção do Grupo passava para a gente. Com o Sr. Alexandrino, era preciso plantar. Eu tive que plantar com ele, para depois colher. Não adiantava chegar nele e falar que a terra era boa, que a semente era melhor ainda e que o adubo era de primeira qualidade. Para ele, interessava saber se o fruto era bom, se dava bom resultado. Eu consegui conquistar o coração dele por causa da minha sinceridade. Tanto que ele chegava até a me confidenciar coisas a portas fechadas. Mas diversas vezes cheguei a ficar bravo com ele porque ele falava bravo com a gente. Mas eu mostrava para ele também que eu era corajoso. Ele costumava fazer perguntas para a gente e era uma prova de fogo. Ele chegava, te fazia perguntas e a gente tinha de responder. E se não estivesse de acordo já não servia para ele. Mas, por eu sempre dizer a verdade, não esconder nada, eu não tinha dificuldade quando o “vô” me chamava. O Wilson era o “tio” e o Sr. Alexandrino era “vô”. Quando diziam “O vô está te chamando”, muitos iam tremendo. Eu não. Eu chegava lá e me sentava na mesa dele e ele fazia as perguntas e eu respondia, olhando no olho dele. Com isso eu fui conquistando o coração dele. Ele foi um grande amigo e me ensinou muito. Aliás, todos sabem, conhecem a experiência dele. No início da década de 80, mesmo passando por momento econômico bastante complicado no país, de recessão, eu estava fora, mas acompanhava o crescimento do Grupo. E o Grupo crescia não é porque vendia conversa, não. Esse crescimento era fruto de trabalho porque nele havia gente dinâmica, que tinha hora para chegar e hora para sair. Na empresa havia ordem. Porque, com o Sr. Alexandrino, tinha ordem. A gente não fazia o que queria, não. Ele estabelecia os alvos, a CBTC é uma empresa que trabalhava com alvo – indiferente do tanto de dinheiro que entrava... Mas a gente tinha liberdade. Ele trabalhava e deixava a gente trabalhar. Isto era muito gratificante. A gente tinha liberdade para produzir e aquilo me chamava muito a atenção. Eu não batia ponto e eu nunca cheguei atrasado nos seis anos e tantos que eu trabalhei lá. Pelo contrário, chegava muito mais cedo do que o horário. Wilson Luiz da Costa Era aquela sinceridade, da mesma forma que era com o Sr. Alexandrino era com o Sr. Wilson, que a gente até tratava mais. E eu conquistei também o coração do Sr. Wilson, olhando no olho dele, mesmo nas primeiras vezes que ele me chamou: “Porque que você fez isso?” e eu argumentava. Às vezes a gente errava... Uma vez eu errei e Sr. Alexandrino me chamou e falou assim: “Porque que você está fazendo isso?” Eu falei: “Porque me disseram...”, ele: “Quem disse?” Então, era preciso dar nomes. Eu falei: “O fulano e fulano.” Ele falou assim, com voz macia: “Mas não é assim não, Sr. Alaerte. Isso não é o que o senhor está pensando, é diferente.” Então, ele tinha aquele lado muito amigo também. Bastava ser sincero com ele. Porque a gente era muito bem recebido na sala dele, mas era um homem de pulso forte, e as coisas têm que ser assim mesmo, tem que ter ordem, senão não funciona.

LOCALIDADES

Piumhi A cidade não tinha calçamento. Era uma terra muito vermelha e a gente falava “ir no comércio.” “Eu vou no comércio.” E assim foi até meus sete anos, até a época que entrei na escola. Aí mudei para a cidade. **Uberlândia** A situação financeira do meu pai não melhorou e isso atrapalhou muito o relacionamento desse meu tio com o meu pai. Então, a gente veio para Uberlândia para ver se resolvia o problema. Na época todo o mudo ia para Belo Horizonte, porque era a capital. Eram 250 quilômetros. E, dois dias antes da viagem, a intenção era de ir para Brasília. Mas aí, um tal de seu Wagner, motorista de caminhão dos Armazéns Martins, chegou lá no posto e me falou de Uberlândia. Faltavam dois dias apenas para a gente entregar o posto, e ele chegou lá e começou a falar que Uberlândia tinha mais de 50 empresas e falou de uns clubes eu aí pensei comigo: “Se a metade disso for verdade, dá para ficar lá.” Mas ele falou: “Não deixa de passar em Uberlândia. Você vai a Brasília, é caminho e você vai passar em Uberlândia.” E eu lembro que mais ou menos dia 17 de dezembro de 1971, veio eu e minha irmã. Tomamos um ônibus e saímos sem saber onde era Uberlândia. Deixamos os empregos e chegamos aqui. Com três ou quatro dias eu tive três escolhas, ela arrumou dois colégios para dar aula. No dia primeiro de janeiro de 1972 eu vim primeiro, e depois veio a família. Na época nós fomos morar aqui nas primeiras ruas no bairro Saraiva, a rua Tabajaras, acima da Rondon. Mas, era uma casa tão precária que não tinha chuveiro, a instalação sanitária era de adobe no quintal e a rua era toda alagada. Por isso, quando fizemos a mudança não tivemos condições de descarregar o caminhão e aí a minha mãe ainda falou assim: “Se Uberlândia for isso aqui, eu não vou nem desmanchar as malas.” Ela falou isso de tão ruim que era a casa. Eu tive de pagar seis meses de aluguel antecipado porque o dono me pediu fiador e eu não tinha, pois não conhecia ninguém. Com dinheiro da venda do restaurante, que era nosso, compramos uma casinha na rua Araxá. Minha mãe e todos os filhos trabalhavam e todo o salariozinho, era salário mínimo mesmo, a gente entregava para ela, que era quem fazia as compras. Foi assim que a gente começou uma outra história na nossa vida. Como eu era muito ligado a veículo, fui trabalhar em uma agência chamada Uberlândia Automóveis S/A, que era do José dos Santos Júnior, na época. Os meus primeiros patrões em Uberlândia foram Luiz Ricardo Goulart e o Sr. Milton. Eles não acreditavam que eu vinha. Porque, como é que se arruma emprego sem estar morando no lugar? Lembro que ele falou assim: “Mas você não vem Eu preciso dia primeiro de janeiro, a pessoa sai, e eu preciso de uma pessoa aqui, você não vem?” Eu disse: “Só se eu estiver morto. Mas eu venho sim, o senhor pode contar, que eu venho. É palavra de homem.” E eu lembro que foi uma dificuldade para chegar porque eu estava acostumado a passar réveillon batendo pneu, atendendo em bar e para mim essa festa não existia. Para mim esta época era de trabalho mesmo. E eu custei a achar passagem. Então, de Uberaba para cá eu cheguei para o motorista e contei a minha história. E falei assim: “Eu tenho que chegar lá para trabalhar amanhã cedo.” E eu vim no ônibus sem pagar a passagem porque não cabia mais, eu vim lá no fundo, mas acho que não cabia mais nem pensamento dentro do ônibus. Ele falou assim “não vou nem te cobrar porque não tem nem condição.” Era réveillon e eu não sabia que os ônibus lotavam, porque o meu réveillon era trabalhando. Mas estava presente no prazo combinado. Eu estava acostumado a passar a noite trabalhando e quando cheguei aqui o comércio já abria às sete e meia. Quando deu seis horas, eu fiquei em uma pensão pertinho, a poucas quadras, perto das Lojas Americanas,

divisa daqui com a Tenente Virmondes. Lembro que seis horas eu já estava na porta do serviço. Fiquei esperando lá, e foi difícil acostumar a começar a trabalhar às sete e meia. E depois, cinco e meia, o sol alto, parar. Desde quando? Aquilo para mim não existia. Estava me adaptando a uma nova cultura. E não pegava ônibus. Eu e minhas irmãs, em todo emprego que nós arrumávamos e Uberlândia não era tão grande assim, o dinheiro do ônibus a gente tinha que tirar ele no pé. A gente fazia isso para poder estudar e poder comprar uma geladeira usada, um liquidificador... A gente não tinha nada, não. A gente veio só com fogão a gás porque não podia carregar o fogão de lenha. Eu cheguei e fui prestar vestibular para economia. E saiu o resultado e meu nome não estava na lista. Como eu fiz um curso muito fraco de contabilidade – fraco para prestar vestibular – e não tinha base nenhuma, o meu nome não estava na lista. E eu fui muito humilhado pelos meus colegas de trabalho, que falavam assim: “Mas economia, deu dois ou três por um, passava na rua e laçava.” Aquilo me chateou muito. Mas, com dois ou três dias, a secretária da escola me procurou. Aí uma colega, que era mais amiga da gente, falou assim: “Olha, a Clarice estava te procurando. O seu nome estava lá em uma lista de reserva, você é um dos primeiros lá.” Ah, eu saí do serviço e fui correndo para a faculdade. Cheguei lá, eram trinta na lista, o meu nome era o décimo quinto. E foram chamadas as quinze primeiras pessoas. Eu fui o último a entrar na faculdade e não contei para ninguém. Quando eu fiquei sabendo realmente que eu podia fazer, aí eu cheguei em casa e dei a notícia. Foi uma festa. E foi assim que comecei meu estudo. Mas muitas pessoas que fizeram bons cursinhos e tudo, logo nos primeiros anos desistiram. E eu acabei terminando os três cursos. E o que me fez passar no vestibular foi uma professora de francês que eu tive em Formiga durante quatro anos. Porque todo mundo escolhia inglês. Mas ela foi uma professora tão boa que eu falava um francês fluentemente. Era um livro grosso, chamado Cours de Langue et Civilisation Française. E ela chegava na aula já falando francês, isso em uma cidade do interior... E ela era daquelas que, se não fizesse o dever, não entrava na aula. Tive quatro anos de francês e consegui a nota máxima em francês, e aqui quase ninguém fazia opção por francês... Por isso que eu falo que são professoras inesquecíveis, que marcam. Começou a faculdade e não foi fácil trabalhar, estudar... Quantas vezes uma e meia da manhã de domingo para segunda, a gente estava na casa de colega estudando e ia trabalhar às sete horas da manhã na segunda-feira. Realmente, para gente conseguir as coisas foi com muito esforço. Eu trabalhei dois anos com revenda de automóveis e depois fui para a Pneuc. Era uma boa firma também. Foi uma empresa em que eu trabalhei sete meses, mas o que eu aprendi lá uso até hoje. Foram apenas sete meses, mas muito importantes na minha carreira profissional. Depois eles me chamaram de volta nessa Uberlândia Automóveis e fiquei lá mais um ano. Em seguida, fui trabalhar em uma firma de adubos, que na época tinha subsídios de adubo, e dessa firma de adubo passei para a Financiadora General Motors. Nessa época comecei a ter uma ligação mais direta com o Grupo da própria General Motors, no qual trabalhei por quatro anos e tanto, sempre em contato com a Garinco e Irmãos Garcia. Fui estabelecendo mais intimidade com o Grupo.

MEMÓRIA

Futuro Creio que a CTBC mudou muito, os números lá hoje são outros, tenho certeza que para melhor. O Dr. Luiz é um homem de muita visão. Ele enxerga muito na frente. Isso ajuda muito. Ele carrega o Grupo por causa disso. Que o Luiz Alexandre, o sucessor, seguiu os passos do pai e deu prosseguimento a essa visão de negócio. A marca do Grupo, creio, gerações e gerações não vão conseguir apagar... Principalmente nas telecomunicações, nenhuma geração vai conseguir apagar o que o Sr. Alexandre implantou. Tomara que os seus sucessores, a descendência que vem tomando conta, dê continuidade a isso. E que Deus ilumine. Sou ainda um pouco impregnado do espírito da empresa porque tudo o que a gente vai fazer, precisa fazer com amor. Tem que colocar o coração naquilo. E crise, desde que eu sou menino eu vejo falar em crise. Crise você combate é trabalhando. E crise não é problema para o Dr. Luiz não. Eu só tenho que agradecer, realmente, e desejar realmente que o nosso Deus criador, o Deus todo poderoso continue iluminando as mentes, os corações dos sucessores desse Grupo, desse empreendimento tão importante, não só para Uberlândia, como para toda a nação. A CTBC tem um crescimento ordenado, que é muito importante, e que Deus continue iluminando, a mente deles para que o Grupo, cada vez mais, progrida e mantenha o nível de emprego cada vez maior. Isso é muito importante. Para todos, que eu tive o prazer de ser beneficiado por seis anos e tanto, o que desejo é agradecer. Sonhos A minha empresa é muito pequena. Uma empresa que vende filtros. Procurei esse tempo todo me dedicar a uma coisa só, ficar bom em uma coisa. Procuo chegar ao máximo. Filtros, lubrificantes e a prestação de serviços – que hoje é fundamental. É uma empresa pequena, mas uma empresa sólida. Tenho o prazer de chegar na minha empresa hoje e falar assim: “O que eu vou comprar?” Não é o que eu vou pagar. Não deixo dinheiro no banco, aplico em outras coisas. É aquilo que a gente procura fazer com amor e com administração... De razoável para boa. Hoje tem de ser assim, uma administração no mínimo de razoável para boa, se não fica difícil sobreviver. Algo me ajuda muito e, creio que as empresas não devem cair nisso, é na parte financeira. É trabalhar com o seu próprio capital. Minha empresa é pequena, mas eu tenho prazer... Estou falando isso porque eu já trabalhei assim, chegava na empresa e falava: “Como é que eu vou pagar minhas dívidas hoje, 30, 90, 60, 120.” Aquilo ia crescendo. Um dia eu falei: “Isso não está certo.” E comecei a comprar só à vista. Então o meu lucro está no financeiro. Louvo a Deus que não tem me faltado nada. Nessa evolução eu tenho atendido às necessidades da família com uma vida razoavelmente confortável, sem faltar o necessário. Pela minha história, eu tenho prazer em chegar na minha empresa hoje e trabalhar. É muito gratificante eu chegar na empresa e sentir aquela paz, principalmente, financeira. Centro de Memória Parece que pela primeira vez é que eu parei um pouquinho para voltar na história. E achei muito importante porque disse coisas que nunca tinha dito. Foi muito importante para mim parar um pouquinho e lembrar a história. Cada um, no seu tempo, é passageiro... sempre irão ficar nossas marcas... Umás mais na superfície, outras mais profundas – como as do Sr. Alexandrino e o Dr. Luiz. O Grupo, a história deles é maior e eu senti muito honrado e grato por trabalhar com eles durante todo esse tempo. Realmente só resta agradecer-lhes por tudo o que fizeram, pela importância do Grupo para toda a comunidade.